

ISSN 0101 - 3325

LETRAS DE HOJE

Nº 111

MARÇO DE 1998

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras
Centro de Estudos da Língua Portuguesa



LETRAS DE HOJE

REVISTA TRIMESTRAL

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

E LETRAS - PUCRS

CENTRO DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Chanceler

Dom Altamiro Rossato

Reitor

Professor Irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor Irmão Joaquim Clotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitor de Graduação

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Gilberto Mucilo de Medeiros

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Laury Garcia Job

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho Editorial

para Assuntos Lingüísticos

Prof. Dr. José Marcelino Poersch, Prof^a Dra.

Leci Borges Barbisan, Prof^a Dra. Regina

Ritter Lamprecht, Prof^a Dra. Carmen Lúcia

Matzenauer Hemandorena, Prof^a Dra. Lêda

T. Martins, Prof^a Dra. Leonor Scliar Cabral

Conselho Editorial

para Assuntos Literários

Prof^a Dra. Maria Eunice Moreira, Prof^a Dra.

Maria Luiza Ritzel Remédios, Prof. Dr.

Mons. Urbano Zilles, Prof. Dr. Gilberto

Mendonça Teles, Prof^a Dra. Ligia Miltz da

Costa, Prof^a Dra. Petrona Domínguez de

Rodrigues Pasquês

Pedidos de assinaturas e permutas
devem ser encaminhados para
EDIPUCRS.

Assinatura anual:

Brasil R\$ 24,00

Exterior US\$30,00

Número-avulso R\$ 8,00

Formas de pagamento:

Cheque ou vale postal em nome da

Revista para EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

E-mail: edipucrs@music.pucrs.br

Os artigos para publicação devem ser
encaminhados para:

Revista Letras de Hoje

Pós-Graduação em Lingüística e

Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão
devolvidos, mesmo que não sejam utilizados

Composição:

SULIANI

Impressão:

EPECÊ

Letras de Hoje

*Estudos e debates
de lingüística, literatura
e língua portuguesa*

*Novos Métodos
na
abordagem dos textos*

PUCRS

L 649 LETRAS DE HOJE/ Curso de Pós-Graduação em Lingüística
e Letras, PUCRS, - n.1 (out. 1967)-, - Porto

Alegre: EDIPUCRS, 1967 -

v.: 22cm

Trimestral

ISSN 0101-3335

1. Lingüística - Periódicos. 2. Literatura - Periódicos.

I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático
Lingüística: Periódicos 80(05)
Literatura: Periódicos 82/89 (05)
Periódicos: Lingüística (05)80
Periódicos: Literatura (05) 82/89

SUMÁRIO

Apresentação <i>Maria Eunice Moreira e Maria Lúza Ritzel Remédios</i>	5
A comunicação narrativa em <i>Os Buddenbrook</i> <i>Ada Maria Hemilewski</i>	7
Modo narrativo em <i>Os Buddenbrook</i> , de Thomas Mann <i>Inara Ribeiro Gomes</i>	23
Pacto autobiográfico no <i>Diário do último ano</i> , de Florbela Espanca <i>André Luis Mitidieri</i>	43
<i>Outro que era eu</i> : da ruptura à integração <i>Zila Letícia Pereira Rêgo</i>	55
<i>L'amant</i> : autobiografia (im)possível de Marguerite Duras <i>Mara Elisa Matos Pereira</i>	71
Dialogismo bakhtiniano em <i>Ensaio sobre a cegueira</i> , de José Saramago <i>Marione Rheinheimer</i>	87
A construção da nação e a representação da mulher em <i>O Barão de Lavos</i> , de Abel Botelho, e <i>O mulato</i> , de Aluísio de Azevedo <i>José Luiz Giovanoni Fornos</i>	111
<i>There are more things</i> , de Jorge Luís Borges: uma análise simbólica <i>Cinara Ferreira Pavani</i>	131

Uma das utopias de Lima Barreto <i>Éliane Vasconcellos</i>	147
<i>O cavalo cego</i> , de Josué Guimarães: um diálogo com o fantástico <i>Miguel Rettenmaier da Silva</i>	159
A visão do espaço em Conrad e García Márquez: uma questão pós-colonial <i>Gislaine Simone Silva Marins</i>	175
Do verso ao reverso: a (in)existência da utopia <i>Inara de Oliveira Rodrigues</i>	187

APRESENTAÇÃO

A crítica literária e a teoria da literatura sofreram modificações significativas, durante o século XX, sob a influência de disciplinas que delas se aproximaram, como a lingüística, a psicanálise, a sociologia, a filosofia, a antropologia. O diálogo mantido com a cultura que o homem vem produzindo ao longo dos tempos deu origem a novos métodos de abordagem do texto literário, colocando um ponto final na idéia de que havia uma maneira única de o interpretar. Frente à possibilidade aberta por um novo arsenal teórico, certas obras tornaram-se novas e outras passaram a ser lidas e compreendidas.

Do ponto de vista do lugar de produção da crítica, também são registradas mudanças significativas. A crítica literária, veiculada em grande escala pelos periódicos e divulgada nos suplementos literários, foi cedendo seu lugar para outros profissionais, não mais vinculados à imprensa, e que ocupam diferentes espaços sociais. Dos jornais, a crítica passa às salas de aula dos cursos de Letras, manifestando-se através da palavra de outro tipo de sujeito produtor – o aluno e o professor. É, pois, nas universidades, seja em nível de graduação ou pós-graduação, que obras e autores renascem, tomam novas feições, são descobertos e, principalmente, reavaliados. A crítica científica, ou aquela exercida pelos “professores”, passou a ser objeto de preocupação de um contingente de novas vozes, iluminados por teorias de diferentes procedências que circulam nos centros de ensino e de pesquisa de Letras.

Este volume de *Letras de Hoje* insere-se na perspectiva abordada acima, ao selecionar os trabalhos de um grupo de alunos vinculados ao Curso de Pós-Graduação em Letras, de Mestrado ou Doutorado, resultantes de discussões oportunizadas pela sala de aula, junto a seus mestres. Os enfoques são variados: privilegia-se a teoria da narrativa, mas os ensaios comprovam também sua articulação com outros referenciais teóricos, de procedência múltipla. Assim, a crítica literária enriquece-se com a contribuição de propostas advindas da teoria do imaginário, do autobiografismo, da sociologia da cultura e do comparativismo literário.

Ao mesmo tempo que este número objetiva divulgar os trabalhos produzidos no âmbito da Universidade, dando oportunidade de se conhecer o pensamento e as reflexões de um grupo de alunos que se prepara para o exercício do magistério, da pesquisa e da crítica, pretende também demonstrar as possíveis contribuições de outras teorias para a leitura do texto literário. Se, com esse procedimento, expande-se a compreensão da narrativa literária, alarga-se, por outro lado, o espectro das abordagens, comprovando-se que o espaço da narrativa continua aberto para novos significados e que a literatura é, por excelência, o lugar de entrecruzamento dos inúmeros ramais que constituem o pensamento da humanidade.

MARIA EUNICE MOREIRA
MARIA LUÍZA RITZEL REMÉDIOS
Organizadoras

A comunicação narrativa em Os Buddenbrook

Ada Maria Hemilewski

A narrativa começa com a história da humanidade. Está presente em todos os tempos e em todos os povos numa variedade de gêneros entre os quais, a partir do romantismo, destaca-se o romance. Toda a narrativa possui dois planos: o plano do conteúdo – a história narrada –, e o plano da expressão desses conteúdos – o discurso. Na narrativa oral e escrita, o discurso coincide com o material verbal que veicula a história, o conjunto de elementos que a sustentam.

Cada gênero narrativo e cada narrador utiliza estratégias específicas para que a comunicação narrativa se estabeleça. É no plano do discurso que os processos de composição que individualizam o modo narrativo, podem ser detectados.

A partir das teorias de Todorov, Gérard Genette propõe que o discurso narrativo seja descrito considerando três categorias: tempo, modo e voz. As categorias de tempo e modo tratam das relações que se estabelecem entre a história e a narrativa e a categoria voz designa, simultaneamente, as relações entre história e narração e entre narração e narrativa. Do ponto de vista da comunicação narrativa, o âmbito da voz, adquire relevo especial.

No discurso narrativo em *Os Buddenbrook*, Thomas Mann utiliza estratégias narrativas adequadas ao gênero romance de família, a que a obra pertence. O presente estudo visa descrever a instância narrativa e seus dois sujeitos: narrador e narratário.

1 – Tempo da história/tempo do discurso

Em *Os Buddenbrook*, o tempo da história pode ser ordenado cronologicamente, através das inúmeras indicações temporais fornecidas pelo narrador. As informações relativas à idade da personagem Antonie/Tony que surgem no capítulo I: “A pequena Antonie tinha oito anos” (p. 9), bem como no último capítulo: “Não obstante à vida agitada que jazia atrás dela e, apesar da fraqueza de seu estômago, Tony não traía os cinqüenta anos” (p. 644), permitem fixar o espaço de tempo que a obra percorre: quarenta e dois anos. Por outro lado, essas informações acrescidas da data mencionada no capítulo VI, da primeira parte: “Por ocasião da festa alegre da inauguração da casa recém-adquirida pela família Buddenbrook. Em outubro de 1835.” (p. 91) possibilitam a demarcação das fronteiras cronológicas da ação do referido romance: 1835 a 1877. Durante esse período decorrem os eventos fundamentais da história narrada que o narrador tem a preocupação de datar: a aquisição da casa – 1835; nascimento de Klara – 1838; casamento de Tony com Grünlich – 1846; nascimento da filha de Tony, Erica – 1846; separação de Tony e Grünlich – 1850; casamento de Klara – 1856; casamento de Tony – 1857; separação de Tony e Permaneder – 1859; nascimento de Hanno – 1861; Thomas é eleito senador – 1865; liquidação da casa – 1872; morte de Thomas – 1875; morte de Hanno – 1877.

O tempo da história narrada relaciona-se a um outro tempo, o tempo real. A presença de eventos históricos relacionados ao destino individual das personagens é uma característica do típico romance de família que visa representar as condições históricas, sociais e políticas de uma época. Em *Os Buddenbrook*, através de frequentes referências a eventos históricos, o narrador reconstrói a situação histórica, política, social e cultural da Alemanha do século XIX, época em que a Europa vive uma série de guerras e revoluções. A vinculação dos fatos históricos ao universo diegético, confere um cunho de verossimilhança aos personagens e eventos narrados.

O tempo histórico constitui um vastíssimo cenário onde se movem os personagens da história narrada: “Não: o pastor Wunderlich lastimava nunca ter encontrado Bonaparte. Mas o velho Buddenbrook e Jean Jacques Hoffstede viram-no cara a cara, primeiro em Paris, logo antes da campanha russa, quando assistia a um desfile de tropas no pátio do Castelo das Tuileries, e o segundo em Dantzig [...]” (p. 26).

“E entre duas guerras, impassível e quieto, no largo vestidinho em forma de avental, o pequeno Johann, de cabelos macios e ondulados, brinca no jardim, [...]” (p. 375).

As referências ao tempo real constituem o pano de fundo para as ações relatadas, permitindo que o leitor acompanhe não apenas a vida das quatro gerações da família Buddenbrook, mas também uma época. Nas palavras de Frederick Böök, “*Os Buddenbrook* é um romance burguês porque o século que ele descreve era, antes de tudo, o da burguesia”. Através da história da família Buddenbrook, Thomas Mann revela o processo sociológico de transformação da burguesia, o que é possível perceber nitidamente no capítulo III, da sétima parte, quando refere-se aos dois candidatos a vaga do senado, Hermann Hagenström: “O inédito e com isso o atrativo de sua personalidade, aquilo que o distinguia e lhe dava, aos olhos de muita gente, uma posição de líder, era o traço liberal e tolerante que lhe formava a base do caráter”; e Thomas Buddenbrook: “Thomas não era somente ele mesmo; honravam nele também as personalidades inesquecidas do pai, avô e bisavô; além dos próprios sucessos comerciais e públicos, era o portador de uma glória cívica centenária” (p. 356).

O tempo do discurso narrativo de *Os Buddenbrook* segue uma ordenação cronológica, embora utilize, algumas vezes, a analepse externa que aponta para um tempo anterior ao início da história, como na seguinte passagem: “[...] Eu posso afirmar que, em muitas ocasiões, acompanhei pessoalmente os destinos dos nossos amigos Buddenbrook. E sempre que vejo esses objetos – a estas palavras dirigiu-se para Mme. Antoinette, levantando uma das pesadas colheres de prata – fico pensando se não são daquelas peças que, em 1806, tinha nas mãos o nosso amigo, o filósofo Lenoir, sargento de Sua Majestade, o Imperador Napoleão [...]” (p. 23), e analepses mistas como quando o Cônsul anota no diário da família o nascimento de Klara e depois lê o que seus antepassados nele escreveram: “Passou para as folhas de pergaminho, gastas e salpicadas de amarelo onde o velho Buddenbrook, o pai de seu pai, traçara os seus arabescos largos com uma tinta parda, esmorecida. Essas anotações tinham como início uma genealogia detalhada, seguindo os vestígios da linha principal. Pelo fim do século XVI, um Buddenbrook, o mais antigo que se conhecera vivera em Parchin. Seu filho [...]” (p. 53). Essas analepses possuem a função de situar a família Buddenbrook numa época e esclarecer os antecedentes da família que demonstram sua tradição.

Devido à extensão do tempo diegético, o narrador utiliza frequentemente a elipse, reduzindo o tempo e acelerando o ritmo da

narrativa. A maioria das elipses utilizadas indicam o lapso de tempo que elidem: “Passaram-se dois anos e meio” (p. 49); “Um ano e dois meses mais tarde” (p. 179); “[...] duas semanas depois [...]” (p. 225); “Uns sete meses mais tarde [...]” (p. 264); “O inverno tinha chegado. Já passara o Natal. Estava-se em janeiro de 1875” (p. 576).

Por outro lado, ao narrar os fatos que considera mais relevantes, o autor vale-se de cenas com diálogos ou relatos minuciosos e descrições detalhadas, tornando lento o ritmo narrativo. Em algumas cenas, ocorre a tentativa de fazer o tempo do discurso coincidir com o tempo da história, como é o caso da primeira parte da obra, onde os dez capítulos são utilizados para narrar os acontecimentos que ocorrem na noite do jantar de inauguração da casa dos Buddenbrook. Para a narração de um tempo diegético, que vai das quatro horas: “em seguida, o pequeno e o grande sino anunciaram alegre e dignamente que eram quatro horas” (p. 14) até um pouco mais de onze horas: “Já era tarde, cerca de onze horas, quando os convidados outra vez reunidos na sala das paisagens, começaram a retirar-se, quase todos ao mesmo tempo” (p. 40), portanto, para narrar, aproximadamente sete horas são utilizadas trinta e cinco páginas do discurso.

Ao regular o ritmo narrativo, o narrador demonstra o grau de conhecimento e a interpretação que faz da história que narra, pois é o julgamento antecipado sobre os eventos e os personagens que permitem a efetivação dessa manipulação, no ato de narrar.

A principal determinação temporal da instância narrativa é, segundo Genette, a sua posição relativa em relação à história. Desse ponto de vista, *Os Buddenbrook* é uma narrativa de enunciação ulterior: sabemos que Thomas Mann iniciou seu romance em 1897 e a história narrada inicia em 1835, embora o ato da narração não traga nenhuma marca explícita de tempo e duração, o emprego do pretérito: “A consulesa Buddenbrook lançou um olhar ao marido e veio acudir a filhinha” (p. 9), bem como a manipulação dos eventos pelo narrador, tanto pela seleção do que considera importante ou não narrar: “Da juventude de Tom e Christian não há coisas importantes a relatar” (p. 62), como pela antecipação daquilo que sabe que vai ocorrer: “Veio também Gotthold Buddenbrook com a mulher – em solteira Stüwing – e as filhas Friederike, Henriette e Pfüffi que, todas as três, infelizmente, não se casariam mais [...]” (p. 149) comprovam que o ato narrativo é posterior à história.

2 – Níveis narrativos

“Todo acontecimento contado por uma narrativa está num nível diegético imediatamente superior àquele em que se situa o ato narrativo produto dessa narrativa” (Genette, 1995, p. 227).

Segundo a classificação de Genette, a história da decadência da família Buddenbrook é uma narrativa levada a cabo num primeiro nível, sendo, portanto, extradiegética. Porém, nessa narrativa primeira, inserem-se outras narrativas que são relatadas por narradores que se situam no nível intradiegético, ou seja, são personagens da diegese. Essas narrativas são consideradas, por Genette, metadieéticas.

As narrativas metadieéticas podem se unir à narrativa primeira por vários tipos de relações. A história de Ratenkamp (p. 21 e 22), contada por Jean e o corretor Grätjens e a história do incidente ocorrido com Madame Antoinette e os soldados de Napoleão (p. 23), relatada pelo pastor Wunderlich, são narrativas orais que possuem função de entreter os convivas do jantar, fazendo o tempo transcorrer de forma agradável, mas estão relacionadas ao contexto histórico no qual Thomas Mann situa seu romance. Indicam, não à audiência intradieética, mas ao leitor extradiegético que a cena ocorre após as guerras napoleônicas (incidente com os soldados) e que a história tratará das mudanças sociais ocorridas com a afirmação de uma nova classe social: a burguesia, da qual os Ratenkamp e os Buddenbrook são representantes, exercendo, assim, em relação à narrativa primeira também uma função temática.

Além disso, a história da família Ratenkamp é uma analogia, uma espécie de presságio, pois vai repetir-se com a família Buddenbrook: “Cada um ficou olhando seu prato, absorto pela lembrança dessa família antigamente tão brilhante, que construíra e habitara aquela casa, e que saíra dela empobrecida e decaída” (p. 22). Assim como os Ratenkamp, também os Buddenbrooks, adquirem e habitam a casa quando sua firma está no auge e dela saem quando a decadência, se não está consumada, como a dos Ratenkamp, o que pode ser comprovado pelo diálogo mantido entre o senador Buddenbrook e Tony: “[...] consideremo-nos felizes e agradeçamos a Deus por ainda não termos chegado a tanto quanto os Ratenkamp naquela época; despedimo-nos desta casa numa situação mais favorável do que eles [...]” (p. 501), já teve início pois: “Seria insensato ficar com esta casa que representa um capital morto... Eu devo sabê-lo, não é? Queres fazer dela um cortiço? [...]” (p. 502). Logo, a família Buddenbrook não possui condições finan-

ceiras de recuperar e manter a casa, a não ser que passe a alugar alguns cômodos, o que do ponto de vista da burguesia tradicional, constituiria uma vergonha.

Entre as narrativas metadieéticas, destaca-se a história da família Buddenbrook, narrativa escrita, registrada num caderno, uma espécie de diário, pelos representantes de cada uma das gerações, pelo papel que exerce na diegese, uma vez que influencia as ações dos personagens. O diário surge no capítulo I da segunda parte, quando o cônsul registra o nascimento de sua filha Klara e depois passa a ler passagens da sua infância, do seu casamento, do primeiro casamento do pai, a genealogia da família, a história dos antepassados e as exortações escritas pelo avô para a descendência, entre as quais destaca-se a frase "Meu filho, de dia dedica-se com gosto aos negócios, mas faça-o de maneira que, de noite, possa dormir tranquilamente". Essa frase é lembrada pelo cônsul e por Jean, que por ela pautam seus negócios. Embora o que o cônsul leia no diário seja relatado pelo narrador, cuja intromissão fica clara, quando afirma: "Esse matrimônio, para falarmos francos, não fora propriamente o que se chama um casamento de amor" (p. 52), não deixa de ser uma narrativa metadieética, porque o narrador intermedeia a narrativa do diário. O diário liga-se à narrativa primeira por uma relação temática, o tema da burguesia, e por uma relação explicativa, pois através da história que narra explica muitas ações das personagens. É o caso da relação de animosidade que liga o cônsul a seu filho Gotthold, explicada pelo fato do nascimento de Gotthold ter provocado a morte de sua mãe, profundamente amada pelo cônsul, o qual passa a considerar o filho como assassino da mãe. A narrativa do diário também exerce a função persuasiva sobre Tony, que estava decidida a não aceitar o pedido de casamento de Grünlich, apesar dos conselhos do pai, mas ao ler a história de sua família: "Sentia reverência por si mesma. Causava-lhe arrepios o sentimento da própria importância [...] (p. 145) e recordando a carta que o pai lhe escrevera, quando ela estava na praia: "Como os elos de uma corrente, escrevera papai... Pois sim! Justamente pelo fato de ser elo de uma corrente, tinha ela uma importância significativa, cheia de responsabilidades... tinha a vocação para colaborar, pelas suas ações e decisões, no destino de sua família" (p. 145), toma a decisão de casar-se com Grünlich, anotando, no espaço livre que havia atrás do seu nome no diário, "Em 22 de setembro de 1845, ela contratou casamento com o Sr. Bendix Grünlich, comerciante de Hamburgo" (p. 145). Assim, a função temática e persuasiva é exercida, tanto pela narrativa do diário como pela carta do cônsul a Tony, no momento em

que ela estabelece a ligação entre ambas, ressaltando a temática da burguesia que adota os valores da aristocracia, conservando a tradição e colocando os interesses da família acima dos próprios sentimentos, para a continuação de uma espécie de dinastia burguesa que, a qualquer custo, deve manter-se e impor-se através da prosperidade e bom nome da firma.

As narrativas metadieéticas, constituídas pelas cartas que as personagens trocam entre si, desempenham em relação à narrativa primeira, uma função temática e explicativa. A carta de Gotthold ao cônsul (p. 43) esclarece, em parte, o afastamento do filho primogênito do cônsul de sua família e, por outro lado, inicia a temática da oposição entre a burguesia nacionalista, a que os Buddenbrook pertencem, e a burguesia liberal, da qual Gotthold passa a fazer parte, ao casar-se e tomar conta de uma loja: "Há vários anos, obedeci, mesmo contra a sua vontade, ao impulso do meu coração, casando-me com aquela que é agora minha esposa, e ofendi o seu orgulho sem limites, ao tomar conta duma loja." Gotthold não renuncia a seus sentimentos pelo bem da firma, e pelo casamento integra-se à burguesia liberal, muda de lado e, por isso, é aliado da casa paterna. As cartas do capítulo X da terceira parte do livro, escritas enquanto Tony estava na praia, também trazem vários esclarecimentos sobre as ações, sentimentos e valores das personagens. A primeira carta do capítulo é a de Grünlich para Tony, na qual ele insiste em lembrá-la da "promessa" de casamento e envia-lhe uma aliança "que servirá de penhor da ternura imperecível [...]" (p. 132). Essa carta provoca, em Tony, uma reação de fúria e excitação, conforme declara na carta que escreve ao pai: "Grande Deus, como fiquei furiosa! Recebi de Grünlich a carta e a aliança, que seguem junto, de modo que estou com dor de cabeça de tanta excitação. Tony roga ao pai que explique a Grünlich que não estou disposta, hoje mil vezes menos do que nunca, a dar-lhe o meu consentimento e que ele finalmente me deixe tranqüila, porque assim só se torna ridículo", confessando, em seguida, seu amor por Morten e justificando-o: "Eu sei que é uso na família casar-se com um comerciante, mas Morten pertence à outra metade da gente respeitável, que são os sábios." No P.S. da carta, Tony ironiza as posses de Grünlich: "Acho que o ouro da aliança é de poucos quilates; e, além disso, é muito fina."

Em resposta à carta de Tony, o cônsul escreve-lhe (p. 133) comunicando ter informado Grünlich a respeito dos fatos, bem como a reação do mesmo, que ameaçou suicidar-se. Afirmando que não pode considerar como séria sua inclinação por Morten, o Cônsul pede a Tony que reconsidere tudo seriamente e aproveita para

recordar, por escrito, o que já lhe dissera verbalmente, pois “[...] a linguagem escrita tem a vantagem de poder ser escolhida e apurada com vagar, de ser fixada uma vez por todas e de poder ser lida, sempre de novo, produzindo nessa forma maduramente ponderada e calculada pelo autor, efeitos duradouros.” Nas palavras do cônsul, sobressai a ideologia burguesa: “Nós, minha filha, não nascemos para aquilo que, com olhos imprevidentes, consideramos como a nossa pequena felicidade pessoal, pois não somos indivíduos livres nem independentes, que vivem por si sós, mas sim elos de uma corrente. Não se poderia imaginar a nossa existência, tal como ela é, sem a lição daqueles que nos precederam.” Essas palavras são recordadas por Tony quando lê o diário, atingindo o efeito desejado pelo cônsul, ou seja, o noivado e casamento com Grünlich.

Na carta escrita para a mãe, no início de seu casamento com Grünlich, Tony cobra uma visita dos pais à sua casa, fala sobre as pessoas com as quais convive e descreve a vila onde mora, ressaltando a importância da família: “[...] tudo está como convém ao nome da família.” Em seguida, dando a entender que está grávida, diz: “Oh, mamãe, conta a história com muito cuidado ao bom pai, para que a anote no diário da família.” Essas palavras ressaltam a importância que é dada ao diário, estabelecendo uma relação temática com a narrativa primeira, pois retratam a ideologia burguesa.

Na carta de Tony, escrita durante sua permanência em Munich (p. 272 e 274), observam-se as diferenças entre o Norte e o sul da Alemanha: “É verdade que existem aqui muitas coisas a que me preciso acostumar: podeis imaginá-lo, pois, acho-me num país estrangeiro. Há a moeda desconhecida e a dificuldade de entender-se com a gente miúda e a criadagem, porque eu lhes falo demasiado depressa, e eles exprimem-se numa gíria engraçada. E acresce o catolicismo; vocês sabem que o ódio e não o respeito [...]” Tony esclarece que as diferenças culturais e sociais não serão obstáculos para que atinja seus objetivos.

A seguir, surge uma personagem que terá um papel significativo na vida de Tony, preocupada em apagar a mancha na história da família, por ela causada, involuntariamente, ao divorciar-se de Grünlich, conforme já afirmara anteriormente: “Pai – disse ela – sei bem que esse acontecimento significa uma mancha na história da nossa família. Pois sim, já meditei muito a esse respeito. É exatamente como se houvesse uma mancha de tinta nesse livro. Mas não te preocupes... Cabe a mim raspá-la! [...] Casar-me-ei outra

vez! Tu vais ver: tudo será reparado por outro partido vantajoso!” (p. 209).

Na ânsia de raspar a mancha, Tony vê no Sr. Permaneder a possibilidade de atingir seu objetivo: “As conversas mais interessantes tive com um Sr. Permaneder; imagina um homem chamarse assim! – negociante de lúpulo, homem simpático e divertido, na melhor idade, solteiro. Mas a cidade me agrada muito – posso dizê-lo: – somente seria necessário ensinar uma cozinheira a fazer molhos decentes. Olhe! Sou uma velha cuja vida está terminada, e nada mais tenho que esperar neste mundo; mas se, por exemplo, Érica, se Deus quiser, se casasse aqui, eu estaria longe de fazer objeções [...]” percebe-se, nas entrelinhas, que o casamento a que ela se refere, não é o de Erica, mas o próprio, conforme constata Tom ao ler a carta com sua mãe: “– Ela é impagável, Mamãe! Quando quer dissimular, é incomparável! Adoro-a porque é simplesmente incapaz de fingir, nem a uma distância de mil milhas [...]” (p. 278). Todavia, essas diferenças, que Tony minimiza, influenciam profundamente sua vida depois de casada com Permaneder, e são assunto de outras cartas que escreve para a mãe e o irmão (p. 319 e 320). Ela nunca conseguirá adaptar-se a sua vida em Munich, o que fica muito claro no diálogo mantido com Tom, após sua separação: “Tony – disse ele – não me podes enganar. Eu já sabia disso antes, mas pelas últimas palavras te descobriste. Não se trata do marido. Trata-se da cidade. [...] Não te pudeste aclimar” (p. 336). A carta de Tony enfatiza a oposição entre as duas correntes da burguesia alemã: a burguesia nacionalista e tradicional e a burguesia liberal, progressista e que Tony, mais tarde, classifica de capitalista ao referir-se a Permaneder, em outra carta que escreve à mãe: “Ah, mamãe, escrevia, quanta coisa cai sobre mim! Primeiro Grünlich e a bancarrota, e depois Permaneder como capitalista [...]” (p. 322).

Na carta que o cônsul Jean Buddenbrook escreve a Tom (p. 159-160), tece considerações a respeito do comportamento mais proveitoso para a realização de sua carreira comercial, bem como analisa projetos comerciais de Tom, ressaltando o “caráter perigoso” dos negócios de exportação, justificando sua não adesão a essa espécie de negócios com o lema herdado pelo fundador da firma: “Meu filho, dedica-te, de dia, com gosto aos negócios, mas faze-o de maneira que, de noite, possas dormir tranqüilamente!” O cônsul termina a carta com as seguintes palavras: “Trabalha, reza e economiza!” Essa carta possui uma função temática e, de certa forma, uma função persuasiva, pois visa convencer Tom a adotar os prin-

cípios e valores da burguesia nacionalista, continuando a tradição dos Buddenbrook.

A carta de Tom escrita para a mãe (p. 255-257) reafirma o cumprimento dos princípios da burguesia nacionalista, através das gerações, pois nela Tom, a pedido da mãe, dá seu consentimento ao casamento de sua irmã Klara com o pastor Tirburtius e solicita a permissão da mãe para o seu casamento com Gerda. O princípio de autoridade do chefe da família é respeitado: Tom é o chefe da firma e, conseqüentemente, o da família, e todos a ele devem submeter-se, mas apesar dessa autoridade, ele, numa atitude de respeito a sua mãe, solicita sua permissão para casar, permissão que sabe, não lhe será negada, pois suas decisões são acatadas como uma lei, por todos, inclusive pela mãe.

A carta escrita por Grünlich aos Buddenbrook (p. 161) limita-se a comunicar o nascimento de sua filha Erika. Mas o P.S., escrito por Tony, enfatiza a submissão da mulher ao marido: "Se fosse um garoto, eu teria um nome muito bonito para ele. Mas como não é, preferia chamá-la de Meta, mas Grünlich quer Erika", pois prevalece a vontade de Grünlich, a filha chama-se Erika.

A história contada por Tom a Tony, quando ela lhe comunica a proposta de Von Maiboon, de vender sua plantação em pé, que ela considera o melhor negócio da vida de Tom, tem na diegese uma função explicativa, conforme declaração de Tom, antes da narrativa: "Vou-te contar uma história, Tony querida, para te explicar a minha atitude neste caso" (p. 398), mas ao finalizar a história de seus negócios com o conde Strelitz, a quem Tom dá uma lição porque ele não lhe oferecera uma cadeira para sentar-se, assim se expressa: "Mas por que te contei essa história? Para perguntar-te: Será que eu teria o ânimo, o direito, a segurança interior, para ministrar a mesma lição ao sr. Maiboon, se este, ao negociar comigo acerca do preço total da colheita, se esquecesse de oferecer-me uma cadeira? [...]" (p. 399), o que torna dupla a função dessa narrativa metadieética: explicar e indagar. Mas essas são aquilo que Genette chamou de função pretendida que pode discordar da função real. De fato, no caso, a função real é temática pois enfoca a distância entre a burguesia e a aristocracia a que aquela quer se igualar, mas em relação a qual se sente em situação de inferioridade e é essa "inferioridade" que faz com que Tom faça a indagação final à Tony, o que, de fato, ele deseja saber é se será capaz de realizar seus negócios em nível de igualdade com o aristocrata, quando na realidade encontra-se numa posição de superioridade, uma vez que o "negócio" é uma espécie de socorro que ele prestaria a Von Maiboon, um aristocrata decadente.

3 – Narrador/narratário

O estatuto do narrador, segundo Genette, define-se ao mesmo tempo pelo seu nível narrativo e pela sua relação com a história que narra. Os Buddenbrook, num primeiro nível, é narrado por um narrador anônimo que narra uma história da qual está ausente. É, portanto, extradiegético em relação ao nível e heterodieético em relação à história. Exprime-se, predominantemente, em 3ª pessoa, permitindo, dessa forma, que a história se narre a si mesma. Embora, raramente, marca sua presença frente ao narratário, utilizando-se da 1ª pessoa, como nas seguintes passagens: "Mas quando se lembrava com que insistência recomendara – para usarmos uma palavra eufêmica – esse casamento, e [...]" (p. 112); "Mas como já constatamos, quando Gerda Buddenbrook apenas aparecera na cidade [...]" (p. 358); "Os nossos desejos e empresas são produtos dos nossos nervos [...]" (p. 364).

Em uma única passagem, o narrador dirige-se diretamente ao leitor. Isso ocorre no capítulo VIII da sexta parte, quando o narrador comenta um incidente ocorrido com Tony em Munich, narrado por ela numa carta: "E não obstante à forma gracejante, era sensível um forte matiz de agastamento, e os leitores podiam ter certeza de que deitara a cabeça para trás e não se dignara dar ao homem, nem uma resposta nem sequer um olhar [...]", para comprovar o conhecimento total que possuía a respeito do caráter da personagem e exercer, também, a função conativa.

Na narrativa primeira de nível extradiegético, o narratário é o leitor virtual e está implícito nas expressões em que o autor utiliza a primeira pessoa do plural, que esse leitor virtual é um burguês alemão, como ele. Esse narratário situa-se também num nível extradiegético e qualquer leitor pode com ele identificar-se.

Mas em *Os Buddenbrook* ocorrem também narrativas situadas num nível intradieético ou metadieético. Essas narrativas segundas são narradas por personagens do texto e dirigem-se também a narratários intradieéticos, ou seja, outros personagens do texto. Esse é o caso da história dos Ratenkamp, da qual são narradores o Cônsul Jean e o corretor Grätjens que ora são narradores, ora são narratários. Essa narrativa tem como narratários todos os participantes do jantar de inauguração da casa dos Buddenbrooks.

A história do incidente ocorrido com Madame Antoinette e os soldados de Napoleão é também uma narrativa segunda, seu narrador é o Pastor Wunderlich, que conta uma história da qual é também personagem, portanto, narrador homodieético, e seus

narratários, como no caso anterior, são os convivas do jantar, entre eles, Madame Antonie, que ouve a história da qual é personagem.

O diário da família é também uma narrativa intradiegética cujos narratários são todos os homens, representantes de cada uma das gerações da família Buddenbrook, inclusive os que se situam fora das fronteiras cronológicas da história narrada e Tony Buddenbrook. O fato de Tony ser a única mulher a escrever no diário permite concluir que no século XIX a situação da mulher já estava se modificando. Os narratários do diário são todas as futuras gerações da família e poderíamos até incluir Deus, como narratário virtual, pois os narradores utilizam o diário também para registrar preces de agradecimentos a Deus. Nas cartas, os narradores são os personagens que as escrevem e os narratários os personagens aos quais as cartas se destinam. Assim, na carta que Tony escreve ao pai, ela é a narradora e ele o narratário, o mesmo ocorrendo com as cartas escritas por Grünlich à Tony, por Tomás à Mãe, pelo Cônsul Jean para Tony, por Tony para a mãe, etc., nelas tanto narradores quanto narratários, são intradiegéticos, pois situam-se num nível segundo da narrativa. Os narradores das cartas são homodiegéticos, porque contam uma história da qual participam.

No que diz respeito à relação do narrador extradiegético com essas narrativas intradiegéticas, é interessante observar que, se em relação às narrativas da história da família Ratenskamp, na do incidente de Madame Antoinette com os soldados de Napoleão e do diário da família, sua presença pode ser percebida, pelo narratário extradiegético, por mediar algumas passagens do discurso, através do discurso indireto, o mesmo já não acontece em relação às cartas constantes no capítulo X da terceira parte, no capítulo I da quarta parte e no capítulo VII da quinta parte, nos quais o narrador extradiegético está totalmente ausente e a comunicação narrativa estabelece-se exclusivamente entre os narradores e narratários da narrativa segunda no nível intradiegético, quase como se fora um diálogo. Nesses capítulos, a história conta-se a si mesma, efetivamente.

A função ideológica do narrador está bem marcada na obra, através dos juízos que emite a respeito dos personagens. Assim, se refere ao velho Buddenbrook: "Como homem esclarecido, não condenava deveras tudo quanto estava situado além dos portões da cidade paterna com as suas cumeeiras medievais. Mas fora das relações profissionais, o velho Buddenbrook, mais do que seu filho, o cônsul, tinha a tendência para traçar limites rigorosos, acolhendo somente com desagrado os forasteiros na sua vida social"

(p. 13). Percebe-se que o narrador considera-o um conservador. Referindo-se a Tom, o narrador afirma: "Thomas Buddenbrook no seu ambiente, era o indivíduo menos contagiado da estreiteza burguesa" (p. 321), demonstrando sua preferência pela personagem. Já Tony é vista, desde pequena, como voluntariosa e orgulhosa: "Passeava pela cidade como uma pequena rainha que se reserva o direito de ser cruel ou amável para com seus súditos, segundo o gosto e os caprichos" (p. 60).

Mas, o narrador delega, principalmente, aos personagens a função ideológica. No capítulo VIII da terceira parte, a personagem Morten, num diálogo com Tony assim se expressa: "[...] Nós, a burguesia, o terceiro estado, como nos chamaram até agora, queremos que exista unicamente a nobreza de mérito. Não mais reconhecemos a nobreza preguiçosa. Negamos a ordem atual das classes... [...] Todos têm de ser filhos do Estado, tendo os mesmos direitos, e como já não existem intermediários entre os leigos e Nosso Senhor, assim deve também o burguês estar em relação direta com o Estado! [...]" (p. 124), numa clara defesa da burguesia, dos direitos iguais e condenação à aristocracia.

Nas cenas, que predominam na obra, os personagens mantêm longos diálogos nos quais a ideologia da burguesia nacionalista, representada pelos Buddenbrook e a burguesia liberal, representada pelos Hagenström são debatidas. As cartas também têm função ideológica. Nelas sobressai a ideologia da burguesia nacionalista.

Também na música ocorre o embate entre o moderno e o clássico, como se pode observar nesta passagem: "Gerda Buddenbrook era uma fanática da música moderna. Encontrara, porém no Sr. Phühl, uma resistência tão feroz e encarniçada que, no início, desesperara de ganhá-lo a seu favor" (p. 431), mas essa resistência é finalmente vencida: "E então, crescendo irresistivelmente, começou a erguer-se nele o amor a essa arte" (p. 432).

Por outro lado, observa-se também a ideologia do narrador ao colocar todos os aristocratas em situação financeira desfavorável. Todos se dão mal nos negócios, estão em franca decadência. No confronto das duas burguesias, representadas pelos Buddenbrook e os Hagenström, os últimos são vitoriosos, evidenciando a decadência da burguesia nacionalista e a ascensão da burguesia liberal.

Conclusão

Thomas Mann consegue, com *Os Buddenbrook*, tornar muito viva uma época. Com o cruzamento do tempo da diegese e do tempo histórico, o efeito de real é reforçado. Estabelecendo relações das personagens e eventos diegéticos com o tempo histórico, o narrador torna-os mais verossímeis.

Através da sucessão e evolução das gerações da família Buddenbrook, o autor traça um painel da evolução da burguesia européia. As duas primeiras gerações, que têm como representantes o velho Johann e seu filho, o cônsul Buddenbrook, servem como uma espécie de introdução. Nessa parte inicial, o texto nos mostra como as convenções e as conveniências decidem tudo, não levando em consideração os sentimentos dos jovens: o cônsul Jean Buddenbrook não leva em consideração os sentimentos de sua filha Tony ao convencê-la a casar-se com um comerciante de Hamburgo. A narrativa centra-se na terceira geração que tem como chefe Thomas Buddenbrook, mas não é o destino de Thomas como indivíduo, que sobressai, e sim o destino da família que representa. A família Buddenbrook atinge o ápice quando Thomas é eleito senador e, a seguir, constrói uma nova casa. No entanto, ele próprio, após mudar-se para a casa nova, tem uma espécie de premonição de que a decadência, o começo do fim, aproxima-se: "Sei que, muitas vezes, os símbolos e os sinais exteriores, visíveis e palpáveis da sorte e do êxito aparecem apenas, quando, em realidade, tudo já vai decaindo" (p. 373). Thomas possui dois irmãos que, de certa forma, prefiguram a decadência – Cristian, uma espécie de comediante que, desde pequeno, imita os outros e, na juventude, tem uma grande admiração pelo mundo teatral; – Tony, voluntariosa e orgulhosa, que passa por dois casamentos desastrosos. A quarta e última geração é representada por Hanno, o filho de Thomas, criança doente, fraca, extremamente tímida e sensível, herdeiro do pendor materno para a música, representando a última fase da decadência.

As tendências artísticas aparecem como sinal de decadência, pois os que a possuem – Cristian, Gerda, Hanno – não conseguem participar da vida burguesa. Segundo Albert Bettex, em *Os Buddenbrook*, com a arma mais afiada da literatura – a ironia – travou-se "a luta entre artistas e cidadãos, considerados muito mais do que tipos sociológicos. Nas quatro gerações, reunidas nos Buddenbrooks, (1901), é confrontada a riqueza interior do artista com a insensibilidade do burguês, assim como a capacidade do

cidadão, pronto a afirmar a vida, com a covardia existencial do artista." Por sua vez, Temístocles Linhares, afirma que o sonho de Thomas Mann "é realizar a síntese entre o mundo burguês, do qual provinha, e o mundo artístico. No entanto, as duas éticas – a do burguês e do artista – teimam em não coincidir em sua obra."

A alternância das vozes que emergem da obra, através do diálogo entre os personagens, bem como das narrativas metadiegticas, nas quais desempenham ora a função de narrador, ora a de narratário, instauram o processo comunicativo no nível intradiegtico e permitem ao narratário extradiegtico o acesso à diferentes perspectivas e aspectos da ideologia burguesa.

Enfim, as estratégias narrativas da obra tornam a leitura de *Os Buddenbrook*, apesar de sua extensão e lentidão (devido ao grande número de cenas), muito atrativa e interessante. A vida do século XIX como que flui ante os olhos do leitor que sente a atmosfera social, cultural, política e econômica da época. Através das situações de conflito, da linguagem e das diferentes posições ideológicas apresentadas e encarnadas pelos personagens, bem como, pelas intromissões do narrador, instaura-se a comunicação entre narrador e narratário extradiegtico, permitindo ao leitor chegar a conclusões próprias sobre a evolução e transformação pelas quais a sociedade alemã passa nesse tão importante período da história.

Referências bibliográficas

- AGUIAR E SILVA, Victor Manuel. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1982.
- BETTEX, Albert. A literatura moderna. In: BOESCH, Bruno (org.). *História da Literatura Alemã*. São Paulo: Herder, 1967.
- GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Vega, 1995.
- HAMILTON, Nigel. *Os irmãos Mann: as vidas de Heinrich e Thomas Mann, 1871-1950 e 1875-1955*. Tradução de Raimundo Araújo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. v. 5.
- LINHARES, Temístocles. *Introdução ao mundo do romance*. Brasília: Quiron, 1976.
- MANN, Thomas. *Os Buddenbrook: decadência de uma família*. Porto Alegre: Globo, 1942.
- REIS, Carlos. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.